

CLASSIFICAÇÃO ANBIMA: Multimercado | **ADMITE ALAVANCAGEM:** Sim
ADMINISTRADOR: VÓRTX DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS LTDA., CNPJ 22.610.500/0001-88, Ato Declaratório CVM n.º 14820, expedido em 8 de janeiro de 2016

GESTOR: POLYFACE INVEST S.A., CNPJ: 40.815.594/0001-03, gestora certificada pela CVM via Ato Declaratório No 19.435 de 31/12/2021. **CUSTODIANTE (custódia e tesouraria):** SANTANDER CACEIS BRASIL DTVM S.A. - CNPJ 62.318.407/0001-19, Ato Declaratório CVM n.º 12.676, de 07 de novembro de 2012

A descrição acima pode ser considerada como objetivo do Fundo. Todas as informações obrigatórias estão disponíveis no formulário de informações complementares, na lâmina de informações essenciais (se houver) e/ ou no regulamento disponíveis em polyface.com.br

A política de investimento do FUNDO consiste em uma gestão ativa na alocação de seus recursos, buscando capturar as melhores oportunidades nos mais diversos mercados de ativos e derivativos, tendo por base análises macro, micro econômicas e quantitativas, visando superar de forma significativa a variação do CDI no longo prazo, com o objetivo de proporcionar a valorização de suas cotas através da aplicação dos recursos em uma carteira diversificada composta por quaisquer ativos financeiros, valores mobiliários e demais modalidades operacionais disponíveis no âmbito do mercado financeiro, podendo compreender desta forma diversos fatores de risco e diversos mercados, nos termos da legislação em vigor, sem compromisso de concentração em qualquer fator de risco específico.

Investimento inicial: R\$1.000,00

Taxa de administração: 1,5% ao ano

Taxa de performance: 25% do que exceder 100% do CDI

Investimento no Exterior: Até 20%

Cota de Aplicação: D+0

Cota de Resgate: D+29

Pagamento do Resgate: D+30

Movimentação e Permanência Mínima: R\$1.000,00

Relatório de Gestão: Agosto de 2025

Este relatório tem o propósito de fornecer informações técnicas sobre o fundo Polyface FIM. O fundo Polyface FIM possui características e objetivos muito particulares, conforme explicamos em nossa carta.

Portanto, para uma maior compreensão sobre a nossa filosofia e técnica, leia a carta que pode ser acessada no link a seguir. **Uso do seguro para uma carteira de investimentos:** <https://bit.ly/CartaPolyface2024-04>

Introdução e Contexto

Em agosto de 2025, o fundo **Polyface FIM** apresentou uma rentabilidade de **+0,89%**, o que corresponde a **77% do CDI** no período. No mesmo mês, o **Ibovespa** subiu **+6,28%**, o **dólar** caiu **-3,14%** e o **CDI** acumulou **1,16%**.

Ao longo do mês, mantivemos nossa estratégia de diversificação em formato **barbell**, com alocação média de **10% em bolsa brasileira e 5% em dólar**, como forma de mitigar o custo das proteções estruturais.

Em um mês de forte valorização da bolsa brasileira, a alta do Ibovespa trouxe um desafio adicional para a estratégia de proteção do fundo. Ao mesmo tempo, a queda relevante do dólar limitou o papel compensatório da moeda americana no carregamento da proteção com opções. Ainda assim, a alocação cambial permanece como parte estrutural da estratégia, atuando como importante linha de defesa para o investidor em momentos de aversão a risco. As opções seguiram alocadas em patamares prudentes, garantindo a manutenção da proteção contratada, mesmo em um ambiente de curto prazo mais positivo. Esse equilíbrio entre exposição direcional e seguro é o que sustenta a proposta do Polyface FIM como proteção de portfólio em qualquer cenário. De a queda expressiva da bolsa brasileira ter impactado negativamente a compensação desse custo no mês, tivemos sucesso nos

balanceamentos com a moeda americana, reduzindo o custo do carregamento das opções que estão em níveis importantes de proteção e seguro para a carteira do investidor. Por isso, permanecem como componente estratégico na composição do fundo, contribuindo com equilíbrio e defesa para a carteira em janelas de maior aversão ao risco.

Cenário Internacional: Crescimento moderado e inflação persistente

A economia dos Estados Unidos segue expandindo em um ritmo mais lento do que no ano anterior, mas ainda distante de uma recessão. No primeiro semestre de 2025, o PIB acumulou crescimento de 1,4% ao ano, com a demanda doméstica privada mantendo avanço de 1,9% em ambos os trimestres. Os dados preliminares para o terceiro trimestre indicam uma continuidade desse ritmo, apesar de revisões negativas nos números de emprego recentes – especialmente nos meses de maio e junho – sugerirem um mercado de trabalho menos robusto que o inicialmente divulgado.

Curiosamente, apesar dessa desaceleração no emprego, a taxa de desemprego permaneceu estável em 4,2% e a taxa de demissões segue baixa. Parte dessa dinâmica se deve a restrições de oferta de mão de obra, especialmente em função de políticas migratórias mais restritivas.

A inflação, por sua vez, permanece acima da meta de 2%, com destaque para a inflação de bens pressionada pelas tarifas de importação e os serviços rodando acima da média histórica. Os salários continuam crescendo em um ritmo acima da produtividade, o que mantém as pressões inflacionárias elevadas.

Nesse contexto, o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, passou a sinalizar uma maior probabilidade de cortes de juros no curto prazo. No entanto, indicou que tais cortes devem ser graduais e espaçados, a menos que ocorra uma deterioração mais intensa no mercado de trabalho. O ambiente de incerteza também aumentou com o anúncio de demissão da diretora Lisa Cook pelo presidente Donald Trump, levantando preocupações sobre a independência do Fed.

Diante disso, o ouro voltou a subir, refletindo a busca por proteção, enquanto o dólar permaneceu estável frente às principais moedas, sustentado por um crescimento doméstico ainda resiliente e após significativa depreciação no primeiro semestre do ano.

Cenário Doméstico: Crescimento em desaceleração e juros mantidos

No Brasil, o segundo trimestre de 2025 confirmou uma trajetória de desaceleração gradual da atividade econômica, embora os números do PIB tenham surpreendido positivamente o consenso. O crescimento foi de 0,4% no trimestre, frente a 1,3% no trimestre anterior, puxado principalmente pelo setor de serviços. Ainda assim, o nível de atividade segue elevado, especialmente ao se excluir o setor agrícola, que tem mostrado maior volatilidade.

Os dados de demanda interna já refletem com mais clareza os efeitos da política monetária restritiva, com destaque para a queda dos investimentos. Indicadores de confiança empresarial – tanto da indústria quanto de serviços – voltaram a recuar, sinalizando menor otimismo com os meses à frente. A incerteza externa, ampliada pelas tarifas impostas pelos EUA às exportações brasileiras, também ajudou a agravar o sentimento dos empresários.

O crédito é outro vetor que tem mostrado sinais claros de desaquecimento. Apesar de concessões levemente melhores em julho, o impulso de crédito se tornou negativo, refletindo tanto o aperto monetário como o impacto regulatório da Resolução CMN 4966/21. A inadimplência das pessoas físicas atingiu 6,5%, o maior nível da última década, confirmando a deterioração das condições financeiras.

O mercado de trabalho, no entanto, segue como ponto fora da curva. Tanto os dados da PNAD quanto do Caged mostram geração robusta de empregos e elevada taxa de demissões voluntárias, o que indica confiança do trabalhador em encontrar novas oportunidades rapidamente.

No campo inflacionário, o IPCA-15 de agosto trouxe certo desconforto, vindo acima das expectativas e com composição qualitativa mais desfavorável. Apesar disso, a combinação de câmbio valorizado, safra recorde e menor demanda externa por proteína animal ajuda a conter as pressões de preços em alimentos e alguns serviços. Com esse pano de fundo, o Banco Central tem adotado uma comunicação conservadora, reforçando que o atual nível da Selic – mantido em 15% – corresponde a uma interrupção do ciclo de alta, e não ao início de cortes. O objetivo é ancorar as expectativas de inflação e evitar especulações prematuras sobre flexibilização monetária. A próxima reunião do Copom, marcada para setembro, tende a manter essa postura firme: estabilidade dos juros, manutenção do tom duro na comunicação e foco total na convergência da inflação ao redor da meta, principalmente no horizonte relevante até 2027 – que já mostra recuo das expectativas para 3,94% no último boletim Focus.

Expectativas e Sinal de Crise® Polyface

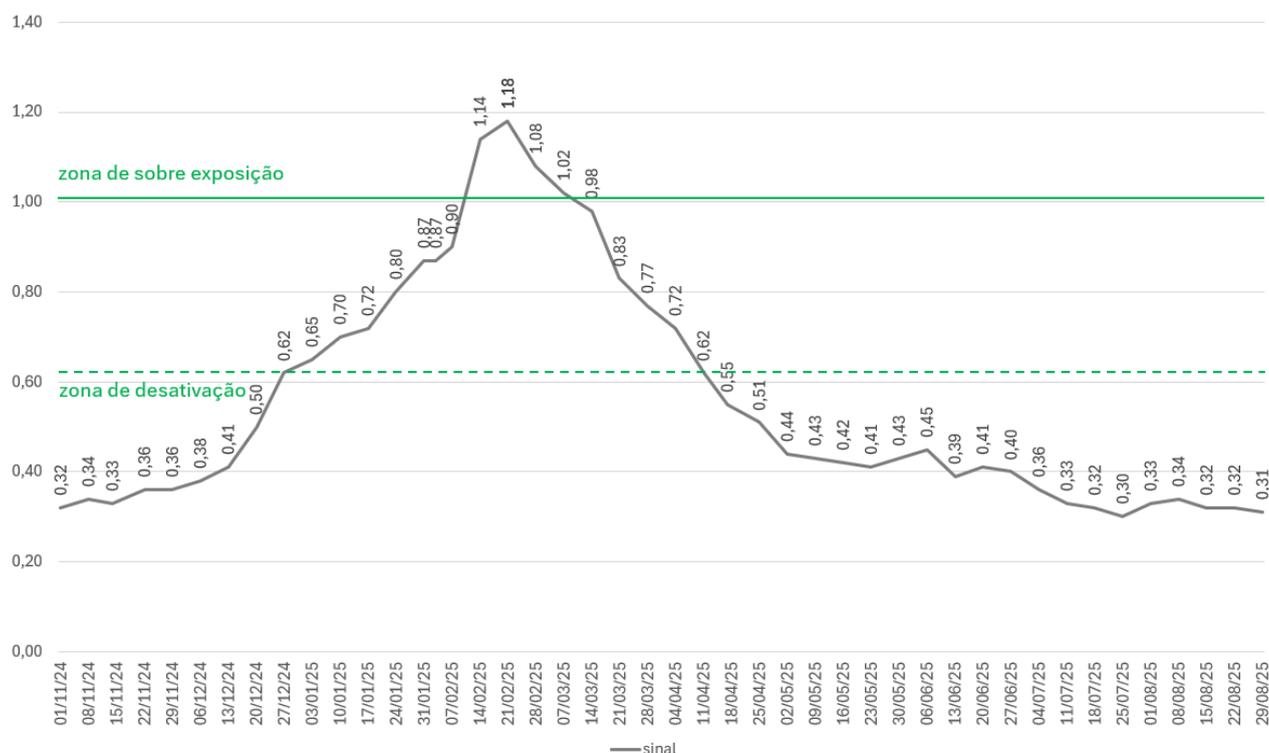
Durante o mês, o **Sinal de Crise®** manteve sua trajetória de acomodação em níveis baixos e sem viés de alta, recuando gradualmente para o **encerramento em agosto em 0,31**, conforme mostra a Figura 1.

O sinal está tecnicamente **desativado desde abril** (ao cruzar para baixo da marca de 0,60). A experiência acumulada pela equipe da Polyface mostra que esses períodos de alívio podem ser interrompidos repentinamente por choques externos – geopolíticos, fiscais ou de crédito – que ainda pairam sobre o mercado global.

Por isso, seguimos com **alocação neutra** nos modelos de proteção, mantendo uma exposição ajustada em torno de **0,4% do portfólio alocado em opções**. Essa posição está de acordo com os testes dos nossos modelos matemáticos, que buscam equilibrar o custo do seguro com sua efetividade em eventos extremos.

Reafirmamos nossa recomendação estratégica: manter entre **R\$1,00 e R\$3,00 no Polyface FIM para cada R\$10,00 investidos em bolsa Brasil**. Mesmo com o **Sinal de Crise®** em níveis reduzidos, essa proporção oferece uma camada robusta de proteção, tecnicamente fundamentada e preparada para responder com agilidade a um eventual retorno da volatilidade severa nos mercados.

Figura 1 - Sinal de Crise® Polyface



Simulação e Alocação de Proteção

Eventos extremos – como um crash de mercado – tendem a ocorrer de forma abrupta e inesperada, com quedas superiores a **-40% em até 20 dias**. A tabela a seguir apresenta os efeitos patrimoniais simulados em três cenários: **sem proteção** e com a **alocação atual do fundo recomendada**, considerando os parâmetros válidos até o fechamento **de agosto de 2025**.

Neste momento, o Sinal de Crise® está **DESATIVADO**, e nossa exposição a seguros encontra-se em nível neutro, com aproximadamente 0,4% do portfólio alocado em opções, conforme a calibração técnica dos modelos. Ainda assim, mesmo com o sinal inativo, o fundo preserva sua capacidade de atuar como **camada de proteção relevante** em cenários de estresse.

Na simulação de evento extremo, com base no cenário de fechamento de agosto, um investidor com **R\$100 mil em ações e R\$20 mil alocados no Polyface FIM** teria seu patrimônio estimado em **R\$167 mil**, resultando em um **ganho de +39%** no agregado. Já com **R\$30 mil alocados** (alocação recomendada), o patrimônio projetado sobe para **R\$220 mil**, o que representa uma **variação de +70%**.

Esses dados reforçam que, mesmo operando em regime neutro, o **Polyface FIM** preserva sua eficiência como estratégia de proteção contra movimentos severos e não lineares do mercado. Seguimos atentos ao comportamento do **Sinal de Crise®** e prontos para ampliar novamente a exposição, caso o nível crítico de **1,00** seja retomado.

Posição Ações SEM Seguro	R\$ 100.000	R\$ 60.000	-40%
Var. esperada do modelo ATUAL*			
Aplicação Polyface 20%	R\$ 20.000	R\$ 106.926	
Posição em Ações	R\$ 100.000	R\$ 60.000	
Patrimônio COM Seguro	R\$ 120.000	R\$ 166.926	39%
Aplicação Polyface 30%	R\$ 30.000	R\$ 160.389	
Posição em Ações	R\$ 100.000	R\$ 60.000	
Patrimônio COM Seguro	R\$ 130.000	R\$ 220.389	70%

Resultado e fechamento mensal

Veja abaixo alguns resultados do fundo. Como explicamos em nossa carta, o **Polyface FIM** é focado na compra de seguros para carteiras, o que faz com que sua dinâmica de rendimento seja **própria e contraintuitiva**.

	ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO	ACUM.
POLYFACE FIM	2025	0,56%	0,12%	0,61%	0,65%	0,59%	0,26%	0,28%	0,89%	-	-	-	-	4,04%	-19,61%
% CDI		56	12	63	62	52	23	22	77	-	-	-	-	45	-31
POLYFACE FIM	2024	-0,67%	0,08%	0,30%	0,30%	-0,06%	0,75%	0,66%	0,86%	-0,31%	0,41%	0,00%	-0,12%	1,98%	-22,72%
% CDI		-69	10	37	33	-7	95	73	100	-38	45	0	-13	24	-46
POLYFACE FIM	2023	0,06%	-0,40%	-0,25%	-0,31%	0,79%	-0,11%	0,15%	-0,47%	-0,58%	-0,88%	-0,51%	-1,48%	-3,93%	-24,40%
% CDI		5	-44	-21	-34	70	-10	14	-42	-59	-88	-55	-165	-30	-70
POLYFACE FIM	2022	1,07%	-0,65%	2,17%	-2,24%	-1,00%	-1,36%	0,59%	0,29%	0,24%	0,67%	-0,25%	0,19%	-0,34%	-21,30%
% CDI		146	-86	235	-269	-97	-134	57	25	23	66	-24	17	-3	-110
POLYFACE FIM	2021	-2,09%	-0,76%	-0,88%	1,21%	-0,73%	-2,05%	-2,34%	-0,92%	-3,83%	-4,7%	-1,65%	0,02%	-17,32%	-21,03%
% CDI		-1399	-563	-443	584	-274	-672	-659	-217	-874	-979	-281	3	-394	-337
POLYFACE FIM	2020	-	-	1,66%	-1,17%	1,13%	0,74%	0,57%	-2,20%	-3,37%	-2,53%	-0,71%	1,46%	-4,49%	-4,49%
% CDI		-	-	5820	-411	472	343	291	-1367	-2149	-1612	-473	885	-255	-255

É natural que o fundo não apresente ganhos significativos no dia a dia – ou até registre pequenas perdas –, já que seguros possuem custo. No entanto, desde janeiro deste ano, iniciamos a utilização de um novo algoritmo de balanceamento, mais estável e eficaz na contenção dos custos de carregamento das proteções. Essa evolução já se reflete na performance do fundo, que vem superando o IPCA no ano, demonstrando sua capacidade de proteger o poder de compra do capital destinado à proteção. Em momentos de grande estresse nos mercados – para os quais o fundo foi concebido – os ganhos esperados tendem a cobrir substancialmente as perdas da carteira de ações, assegurando proteção ao investidor de forma técnica e robusta.

São Paulo, 05 de agosto de 2025.

LUIZ FERNANDO DA CUNHA SANTOS ROXO

Diretor de investimentos

MARIO KOLB GOULART DE ANDRADE

Analista Chefe - CNPI-P

FABIO AUBIN

Diretor de Risco e Compliance

MARCO ANTÔNIO DEZIDÉRIO

Relações com Investidores